



GT 74. Religiões de matriz africana e seus modos de convivência: caboclos, orixás e outras entidades

Coordenador(es):

Miriam Cristina Marcilio Rabelo (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Clara Mariani Flaksman (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 1 - Tempos, Histórias e Registros

Debatedor/a: Miriam Cristina Marcilio Rabelo (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Sessão 2 - Vínculos e obrigações

Debatedor/a: Clara Mariani Flaksman (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 3 - Modos de Convivência

Debatedor/a: Luciana Duccini (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

A proposta deste Grupo de Trabalho é investigar os modos de se relacionar com e entre as entidades presentes nas diversas modalidades de religiões de matriz africana, tanto no Brasil quanto em outros países da diáspora africana. Assim, pretende dar ênfase não somente às análises das manifestações religiosas em si, mas aos estudos voltados para as formas como vínculos são aí construídos e mantidos. Tendo como questão chave o debate em torno das dimensões ético-políticas das formas de convivência cultivadas nessas religiões, o GT está aberto para trabalhos que tratem dos procedimentos e conceitos que participam dos processos de construção de vínculos, que discutam as diferentes temporalidades e espacialidades em jogo nesses processos e/ou explorem como os vínculos com as entidades são mobilizados e testados em situações de encontro com outras formas de prática.

Os vínculos do Peji: corpos, curas e caboclos em uma religião de matriz africana do sertão baiano.

Autoria: Gustavo Ferreira Fialho (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Como resultado da pesquisa de campo de doutorado, o presente work pretende percorrer algumas relações entre praticantes e entidades do Peji, religião de matriz africana situada no sertão baiano. Nas áreas rurais em torno da cidade de Jacobina encontram-se as casas e terreiros de Peji, onde os caboclos são as principais entidades envolvidas, mas não as únicas. As dinâmicas em torno do Peji propõem um regime de interações entre santos, orixás e caboclos no qual ao mesmo tempo em que várias entidades compõem seu universo religioso, cada uma é capaz de acionar uma prática específica. Desse modo, por meio das obrigações, especialmente os Carurus que são seguidos pelo toque dos tambores, os praticantes atualizam os vínculos com os seus caboclos e outras entidades. Procuo explorar esses vínculos que podem ser considerados inevitáveis e, portanto, são construídos e modulados ao longo de toda a vida dos ?pejizeiros?, tanto no plano ritualístico e público quanto no plano da vida cotidiana. Nesse sentido, a minha principal intenção é fazer notar que esses vínculos são também criados nos corpos, sendo responsáveis pela produção e cuidado dos mesmos, o que se evidencia ao menos de três formas distintas. Em primeiro lugar, talvez a maneira mais explícita, trata-se do fato de que aqueles que recebem os caboclos nas festas devem ser capazes de atender aos intensos movimentos e ações dessas entidades. Muitas vezes, as incorporações exigem dos praticantes certa força e resistência consideradas excepcionais, criando e apagando marcas em seus corpos. Além disso,



uma segunda maneira de observar nossa questão se atrela diretamente às práticas de cura que cercam o Peji. Isto é, as lideranças religiosas, os ?curadores?, e seus caboclos são responsáveis pelo cuidado rotineiro dos corpos de seus filhos de santo, por meio de rezas, banhos, chás e outros works. Do que decorre, por fim, um terceiro modo de observação, a partir da interação frequente entre o saber dos ?pejizeiros? e o saber da medicina tradicional. Mais do que apenas o confronto entre os dois saberes, o que nos interessa mostrar é que a eficácia das práticas dos ?curadores? nos tratamentos de cura se assenta, em grande parte, na vinculação e proximidade entre pessoas e caboclos, em contraste com o distanciamento pelo qual as práticas médicas costumam operar.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: